

MAX MACEDO



ENTENDENDO O APRENDIZADO CANINO

O início de tudo!

3ª EDIÇÃO - 2024



ENTENDENDO O APRENDIZADO CANINO

Editado no Brasil, Novembro de 2016

3ª Edição corrigida e atualizada: Maio de 2024

Editores

Max Macedo

Tânia Macedo

Ilustração

Tânia Macedo

Suporte: maxmacedo@ciacaes.com.br

© Copyright 2016 by Max Macedo

Reservados todos os direitos desta obra. Proibida
toda e qualquer
reprodução desta edição por qualquer meio ou forma,
seja ela eletrônica
ou mecânica, fotocópia, gravação ou qualquer meio.



Dedico este livro digital à Tânia, minha esposa e ajudadora e aos meus 4 filhos, Rebeca, Paulo, Lucas e Maria.





Sobre o autor

Max Macedo é Médico Veterinário, graduado pela Universidade Federal de Minas Gerais (2000). Atua desde 1992 na área de Zootecnia, com ênfase em comportamento, etologia e melhoramento genético de cães para trabalho policial e militar. É pioneiro no Brasil na criação sistemática de cães Pastores Alemães com genética especializada em trabalho e esportes.

Árbitro Internacional de Cães de Trabalho do Clube Brasileiro do Pastor Alemão e da Confederação Brasileira de Cinofilia (CBKC). Figurante de formação de cães de proteção e Figurante Internacional de Provas de Trabalho (IGP) da CBKC.

1º Tenente Veterinário da Reserva do Exército Brasileiro, serviu a força terrestre como Oficial Veterinário de 2001 a 2008 e, atua como instrutor de treinamento de cães de serviço policial militar para as Forças Armadas (Marinha, Exército e Força Aérea) e demais instituições policiais por todo o Brasil.

Competiu em diversos Campeonatos Brasileiros de Adestramento com importantes colocações, sendo selecionado para representar o Brasil nos Campeonatos Mundiais de Cães de Trabalho WUSV 2009 (Krefeld - Alemanha) e 2011 (Kiew - Ucrânia). Disputou pelo time brasileiro o Campeonato Mundial de Cães de Trabalho WUSV 2009 em Krefeld, Alemanha, posicionando-se em 12º Lugar Geral por Equipes.

É proprietário da Companhia de Cães de Patrulhamento e Detecção, empresa dedicada a criação de cães para trabalho e seu melhoramento genético, ao seu treinamento e a instrução de pessoal de segurança pública e privada voltados ao emprego de cães de alto desempenho para patrulhamento, detecção de drogas e explosivos e serviço policial em geral.

Desenvolve trabalhos enfatizados na área de cognição e da agressividade canina. Kursou Mestrado em Biologia de Vertebrados (Área Comportamento Animal) na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, trabalhando com os efeitos do treinamento na redução do estresse em cães, avaliando parâmetros fisiológicos e comportamentais.



Índice

Introdução	05
1 - Como os cães aprendem	06
2 - Conhecimentos básicos de neurofisiologia	13
3 - O desenvolvimento do filhote	18
4 - Importância da alimentação no aprendizado	21
5 - Como criar um ambiente motivador	23
6 - O clicker: uma ferramenta extraordinária	29
7 - A guia: o segredo para se ter controle!	31
8 - O método do contato: fácil e divertido para o cão e para você	33
Conclusão	43
Bibliografia	44

Introdução

É com grande satisfação que podemos presentear-vos com a terceira edição desse pequeno livro; pequeno em tamanho, mas, muito grande em termos de solidez de conteúdo. Meu objetivo é apresentar uma simples, mas bem fundamentada noção das questões relativas ao aprendizado, desenvolvimento neurológico e social dos cães. Somos muito carentes de literatura técnica especializada no assunto, especialmente em língua portuguesa e, por isso, já estamos debruçados na elaboração de uma obra bem mais profunda e completa, que intentamos lançar em breve. Lancei a primeira edição deste material em novembro de 2016, atingindo sucesso total com o público leitor e meus alunos; presenteio-vos agora com a terceira edição, corrigida e atualizada.

Apesar de ainda muito pouco desenvolvida em nosso país, a área de comportamento é muito ampla, e abrange desde aspectos do bem-estar animal, da etologia, da clínica comportamental e resolução de problemas, até as questões relativas à cognição, aprendizado e treinamento, que são o objeto deste livro. Minha área de atuação, assim como o enfoque deste texto, é o desenvolvimento comportamental normal, a neurofisiologia do comportamento, a cognição e o treinamento. Tenho convicção da importância das outras áreas de estudo e atuação profissional, mas, é importante deixar claro que o meu trabalho é de prevenção de problemas, através da preparação das famílias e ambientes para a recepção de um indivíduo são, e, sua adequada educação, de tal forma que tenhamos donos são e cães são!

Recentes estudos têm demonstrado que, conduzido de maneira adequada, o treinamento pode se tornar uma potente ferramenta de melhoria de bem-estar da espécie, justificando a minha paráfrase: “o trabalho enobrece o cão”. Esperamos que o nosso projeto de ensino - iniciado com minha página na internet www.maxmacedo.com.br e agora com este texto - possa despertar em todos os amantes do universo canino (sejam proprietários, médicos veterinários, zootecnistas ou treinadores profissionais), uma maior avidez na busca de conhecimentos científicos de aplicação na educação e treinamento de nossos amigos caninos.

Boa leitura e bons treinos!!!



Capítulo 1

Como os cães aprendem?

Podemos definir o aprendizado como sendo uma forma de um indivíduo reagir ao ambiente, modificando o comportamento através da utilização de sinais perceptíveis sensorialmente ou de instrumentos disponíveis, com fins de solucionar problemas para obter algum benefício.

Para os nossos presentes propósitos vamos nos ater aos aprendizados associativos, considerando duas formas destes, o relacionado as reações involuntárias ou reflexos e, responsável pelas ações voluntárias. De fato, apesar de serem mecanismos diferentes, durante as diversas situações práticas e reais, normalmente as duas vias ocorrem simultaneamente, pois, cada ação é inevitavelmente repleta de emoções, sensações e percepções ambientais.

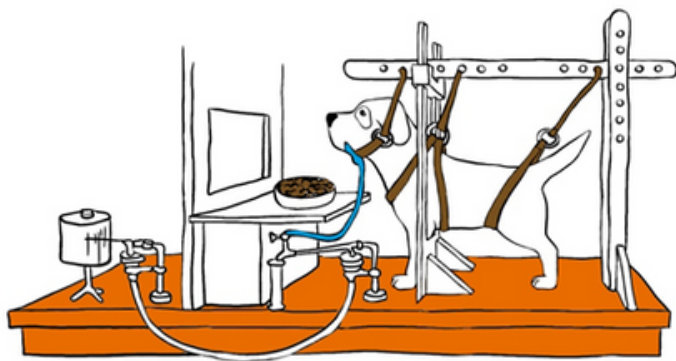
1ª Lei do aprendizado: Condicionamento Clássico

Trata-se do aprendizado de reações involuntárias, ou do condicionamento de reflexos. Esta via de aprendizado foi descrita inicialmente, de maneira sistemática e científica, pelo médico russo de nome Ivan Petrovich Pavlov, que efetuou na Alemanha um extenso trabalho sobre a fisiologia da digestão, a partir de 1879. Esse trabalho culminou com o Prêmio Nobel de Medicina de 1904 e, desencadeou nos estudos do condicionamento, área que lhe deu a maior projeção histórica daí por diante. De 1902 até a sua morte em 1936 concentrou suas pesquisas nos fenômenos do condicionamento. Pavlov pode ser considerado o fundador dos estudos experimentais do aprendizado animal.

De uma maneira resumida, o experimento de Pavlov assim se desenrolou:

Como o seu trabalho inicial era focado na fisiologia da digestão e, no período em questão buscava descrever as fases da digestão, iniciou investigando o que posteriormente veio a ser denominado de “fase cefálica da digestão”, que é a etapa em que processos fisiológicos digestivos ocorrem antes da chegada da comida ao estômago. Naturalmente, há muito se conhecia que alterações ocorriam nos organismos mesmo antes da entrada do alimento na boca, como por exemplo, o aumento da secreção salivar, induzida pela simples percepção visual ou olfativa da comida.

Para a melhor descrição dessas ocorrências, Pavlov preparou um experimento que, num primeiro raciocínio, lhe pareceu controlado. Ele efetuou uma incisão no ducto salivar de um cão, canalizando sua produção de saliva para um tubo coletor e medidor; além disso, dentro da premissa da necessidade do controle para um experimento científico, colocou o cão em cima de uma mesa, preso a um peitoral, para limitar sua movimentação, como no esquema abaixo:



Inicialmente, conforme o previsto, sempre que lhe era apresentada a comida, o cão respondia automaticamente com aumento da salivação. Porém, algo começou a sair do controle do pesquisador: na medida em que os dias se passavam e o experimento se repetia, o cão começava a, cada vez mais, antecipar o momento em que iniciava a salivar.

Isso criou uma dificuldade para Pavlov, pois, ele perdera o controle do momento de início da resposta de salivação, colocando em risco o experimento. Aquilo que surgia como um problema, iria se tornar, na sequência, uma grande revolução na ciência. A resposta de Pavlov ao problema foi criar uma caixa acústica e visual em torno do cão, para que ele não pudesse perceber a rotina e, portanto, não mais salivar antes da apresentação de comida.

Devido aos fatos observados na perda do controle do experimento, causados pela resposta cada vez mais antecipada a eventos rotineiros que precediam a alimentação, Pavlov percebeu que o cão poderia salivar não só em resposta a comida, mas a algum sinal ambiental associado a comida. Essa percepção foi a grande revolução na ciência do aprendizado.

Como Pavlov constataria a existência dessa possibilidade de associação ou conexão de algum sinal ambiental com a alimentação e, que esse sinal poderia evocar as respostas que anteriormente eram exibidas apenas mediante a apresentação de comida, ele começou, com o agora “encaixotado” cão a, acionar um metrônomo sempre antes de abrir a escotilha da caixa acústica e apresentar a comida através dela.

Pavlov observou que, na medida em que as repetições dessa rotina se seguiam, o cão começava, de forma gradativa e progressiva, a salivar assim que escutava o som do metrônomo. Isso prosseguiu até um momento em que, o cão passou a salivar em resposta ao metrônomo, na mesma intensidade e volume anteriormente registrados como resposta estrita a apresentação de comida.

Nesse momento passou a denominar fatos e eventos:

1. Estímulo incondicionado → alimento.
2. Reflexo incondicionado → salivação em resposta a apresentação do alimento.
3. Estímulo condicionado → som do metrônomo.
4. Reflexo condicionado → salivação em resposta ao som do metrônomo.

A partir de então se iniciaram novos ensaios e experimentações, realizando os mesmos procedimentos com campainhas, luzes e outros estímulos, sempre com resultados similares. Estava então estabelecida a chamada 1ª Lei do Aprendizado, ou, Lei do Condicionamento Clássico. Não é difícil de imaginar que isso foi apenas o começo, e que, nas mãos de um genial pesquisador, já anteriormente agraciado com o Prêmio Nobel, ainda muita coisa surgiria como desdobramento desse experimento inicial.

Com o passar das repetições, chegou-se a um ponto em que o cão salivava respondendo ao sinal condicionado na mesma intensidade e volume que anteriormente salivava apenas em resposta a apresentação de comida. A partir de então, Pavlov começou a não mais entregar a refeição após a emissão do sinal (campainha, por exemplo). Ele observou que, com as repetições sucessivas sem a entrega sequencial da comida, o cão começou a, gradualmente e progressivamente, diminuir a intensidade e volume da salivação, até um determinado momento em que, não mais salivou. Pavlov denominou esse fenômeno de “Lei da extinção”, que prediz que todo condicionamento não reforçado tende a extinguir-se.

2ª Lei do aprendizado: Condicionamento Instrumental

Contemporaneamente a Pavlov, nos Estados Unidos, um psicólogo de nome Edward Lee Thorndike desenvolvia um trabalho que se consagrou como a “2ª Lei do Aprendizado” ou, “Lei do Condicionamento Instrumental”.

Em suma, Thorndike elaborou uma caixa, cuja frente propiciava visão com o exterior através de uma grade e, no seu fundo, equipou com uma alavanca que, caso acionada, liberava um dispositivo de abertura de sua porta frontal.

Dentro dessa caixa colocou um gato e, o deixou por um determinado período sem ser alimentado. Depois de certo tempo, apresentou uma vasilha com comida pela frente da caixa. Inicialmente, o gato tentou, sem sucesso, alcançar a tigela com as mãos, através das grades.

Depois de muito insistir diretamente, com o passar do tempo, o gato começou a, aleatoriamente, movimentar-se cada vez mais freneticamente no interior da caixa. Em um determinado momento, ao acaso, o gato esbarrou na alavanca, que, liberou a abertura da porta. Ele prontamente saiu e saciou-se. Eis um esquema da “caixa problema”:



O experimento foi repetido por sucessivas vezes e, gradativamente, com o passar das repetições, reduzia-se o intervalo de tempo entre a apresentação da comida e o acionamento da alavanca. Num determinado momento, ao apresentar da comida, sem nenhuma tentativa de alcance da mesma através da grade frontal, o gato passou a ir diretamente acionar alavanca existente no lado oposto da caixa. Dessa forma, Thorndike constatara que o gato era capaz de aprender a acionar um instrumento indireto (alavanca nos fundos da caixa) para atingir o seu objetivo direto (tigela com comida a frente da caixa). O comportamento de busca pela alavanca - ou de quaisquer gatilhos ambientais - é denominado pelos etólogos clássicos de “Comportamento Apetitivo” ou, “Apetência”. A Apetência aumenta quando um comportamento é altamente “frustrado”.

Na sequência, Thorndike travou a alavanca, de forma que não mais abrisse a porta ao ser acionada. O observado foi que, com o passar do tempo e tentativas malsucedidas, o gato deixava gradualmente de tentar acioná-la com o intuito de obtenção da comida e, retornava ao seu comportamento inicial de tentar alcançar a comida de maneira direta, através da grade frontal da gaiola. Thorndike denominou o observado de “Lei do efeito”, que reza que, toda futura ocorrência de determinado comportamento é consequência de seu sucesso ou insucesso anterior.



Regras para o condicionamento

Criando conexões

Para que haja o estabelecimento de uma conexão ou associação entre dois sinais, ou seja, para que um sinal ou estímulo neutro possa evocar a resposta que um estímulo eliciador já evoca, algumas regras devem ser consideradas:

1. Sinais

Dois sinais claros podem associados, desde que sejam emparelhados. Pode ocorrer um emparelhamento de dois sinais visuais, ou dois sonoros, ou dois táteis ou, mistos. Um dos dois deve ser um sinal que anteriormente já, automaticamente, evoque uma resposta - por ser um estímulo incondicionado, ou, por ser um estímulo já condicionado.

2. Timing

Existe uma janela máxima de tempo para que um sinal seja conectado a outro, ela varia entre meio segundo a aproximadamente três segundos, sendo que, quanto mais próximo de meio segundo melhor o estabelecimento da conexão. Alguns analistas mais modernos defendem que, se um reforço - seja negativo ou positivo - ocorrer simultaneamente ao comportamento, obter-se-á melhor efeito sobre a modificação do comportamento.

3. Sequência

A sequência dos sinais é muito importante. O novo sinal (sinal que queremos ensinar, um estímulo até então neutro) deve sempre ser apresentado antes do velho sinal (estímulo incondicionado ou já anteriormente condicionado, ou seja, que já evoque resposta anteriormente). Se essa ordem for invertida não haverá conexão.

4. Repetições

Uma conexão somente se concretizará depois que um padrão de ocorrências repetitivas é percebido pelo sistema nervoso. Cada sinal que se intenta condicionar necessita de um certo número de repetições pareadas, para que a conexão entre ambos possa ser estabelecida e o reflexo possa, então, responder ao novo sinal.





Capítulo 2

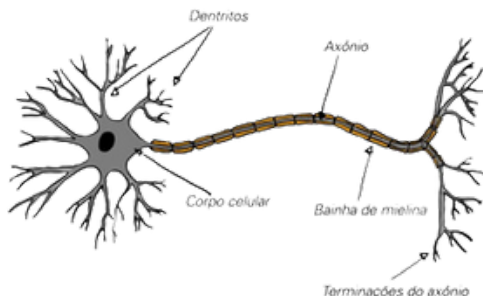
Conhecimentos básicos de neurofisiologia

Este é um assunto que, inicialmente, pode parecer algo por demais dissociado do título do livro, ou, talvez, algo mais voltado para profissionais da área médica. Peço que o leitor tenha um pouquinho de paciência, pois, a compreensão de informações elementares referentes a neurofisiologia (ciência que estuda o funcionamento normal do sistema nervoso) facilitará o entendimento de questões importantes, referentes aos aspectos sociais relacionados ao desenvolvimento etário, ao aprendizado, a coordenação motora e, as emoções de nossos cães.

Segundo o neurocientista Eric Kandel (Prêmio Nobel de Medicina em 2000), “todo comportamento é uma expressão da atividade neural” e, “o sistema nervoso é o órgão de expressão da mente”. Gregory Bateson, um dos mais importantes zoólogos e psiquiatras do século XX, afirmou que “a mente é o processo cognitivo de expressão da vida”. Dentro desses raciocínios, caso queiramos compreender melhor a mente canina, devemos ter um mínimo conhecimento sobre o sistema nervoso.

O neurônio: principal unidade funcional do Sistema Nervoso

O neurônio é uma célula funcional do sistema nervoso (SN) e, é a unidade básica responsável pelo processamento e transmissão das informações, sejam elas químicas ou elétricas.



Normalmente os neurônios são compostos de quatro regiões morfológicamente distintas, o “Corpo celular”, os “Dendritos” (onde informações provenientes de outros neurônios são recebidas), um prolongamento da membrana denominado “Axônio” e, uma “Terminação pré-sináptica” na extremidade do Axônio, para transmitir informações para outro neurônio ou fibra muscular

O Axônio é revestido por uma cobertura gordurosa denominada Bainha de Mielina, responsável por aumentar a velocidade do tráfego de informações ao longo do comprimento do Axônio.

A Sinapse é a junção entre a Terminação Pré-Sináptica de um neurônio e a célula adjacente, que pode ser outro neurônio ou uma fibra muscular.

Neuroplasticidade

Ao nascimento o cérebro já se apresenta praticamente formado, mas, durante a fase embrionária inicia-se um fenômeno importantíssimo, que terá o seu pico somente depois de alguns dias após o nascimento: a neuroplasticidade. Trata-se da capacidade de alteração e adaptação das características morfológicas e funcionais do sistema nervoso frente a estímulos ambientais. Os neurônios passam por dois processos básicos de plasticidade:

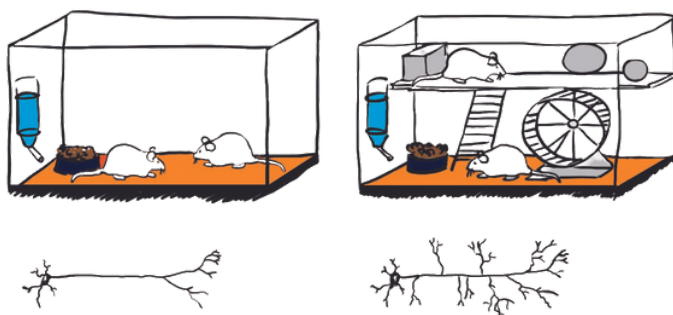
1. Neurosinaptogênese

Apesar da estrutura do encéfalo já estar praticamente formada ao nascimento, ainda em fase embrionária inicia-se o desenvolvimento das sinapses ou junções nervosas, a chamada neurosinaptogênese; porém, o seu pico se dá depois do nascimento. Simultaneamente a sinaptogênese, há o aumento do tamanho dos neurônios, de suas árvores dendríticas e os axônios vão sofrendo mielinização (desenvolvimento da cobertura da bainha de mielina).

2. Poda sináptica

Poda sináptica é um fenômeno sequencial a neurosinaptogênese pós-natal e, visa eliminar sistemas “redundantes”, ou seja, cortar as sinapses desnecessariamente existentes, para melhor transmissão dos potenciais de ação e um ajuste fino na transmissão dos comandos com os órgãos efetores e músculos.

Esse desenho esquemático nos mostra a diferença observada em neurônios de ratos de dois grupos diferentes, um crescido em um ambiente “pobre”, e, outro, em um ambiente “enriquecido”, devido a estimulação sensorial durante períodos sensíveis:



O Reflexo

“Um Reflexo pode ser definido como uma resposta involuntária e qualitativamente invariável do Sistema Nervoso a um estímulo” (CUNNINGHAM, 2008). O Reflexo é a mais simples função geral do sistema nervoso: detecção de estímulos sensoriais, seu processamento e, uma resposta motora.

Nunca confundamos o “ato reflexo”, que é o processo de percepção e resposta acima supracitados, com o “arco reflexo”, que é o termo que designa o conjunto de cinco elementos anátomo-morfológicos que propiciam a ocorrência do reflexo, quais sejam: o receptor (sensorial), o neurônio sensitivo (aférente), o Sistema Nervoso Central, o neurônio motor (eferente) e, o efector da resposta (músculo ou glândula).

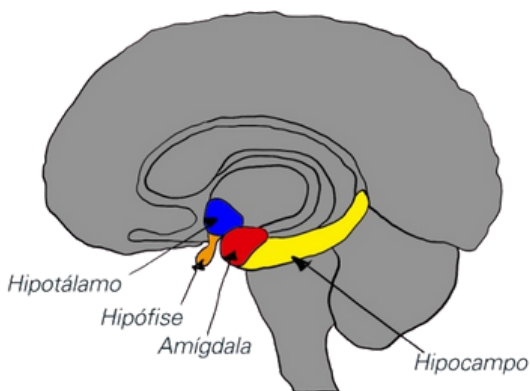
O Sistema Límbico

O Sistema Límbico é uma unidade funcional cerebral, composta por diversas estruturas relacionadas ao estabelecimento de uma ligação entre o sensorial e o emocional, além da memória e navegação espacial. Entre outras estruturas, podem ser incluídos como integrantes do Sistema Límbico o Hipocampo, Amígdalas e Hipotálamo.

Importantes processos relacionados ao nosso interesse ocorrem dependentes dessas estruturas trabalhando de forma integrada, tais como a memória de recompensa alimentar por resolução de problemas ou execução de tarefas e, respostas a estímulos aversivos. O sistema límbico é a principal parte do cérebro envolvida com os aspectos comportamentais e emocionais.

Uma de suas estruturas, a amígdala, é responsável pela formação de associações entre estímulos e recompensas e pela associação entre processos sensoriais e emocionais. Trabalhos recentes constataram a relação do núcleo central da amígdala ao comportamento predatório.

O Hipotálamo, que é o principal centro da expressão emocional, entre outras funções, controla uma glândula, a Hipófise; esta, por sua vez, secreta hormônios que interferirão na homeostase do organismo, alterando, por exemplo, a pressão arterial, frequência cardíaca e temperatura corporal. O Hipotálamo estabelece a conexão entre o Sistema Nervoso e o Sistema Endócrino.





A dopamina

A dopamina é um neurotransmissor produzido no mesencéfalo (região do tronco cerebral). Suas funções envolvem controle de movimentos, aprendizagem, humor, emoções, cognição e memória. Ela exerce um importante papel no mecanismo de comunicação do sistema digestivo com o hipocampo, no sistema límbico. Suas descargas cerebrais desencadeadas pela chegada de alimento no estômago, comunicadas através do nervo vago (nervo que faz a comunicação entre o estômago e o Sistema Nervoso Central), promovem a possibilidade de conexão de causa e efeito no hipocampo e a respectiva criação da memória contextual.

Quando o animal recebe comida após a execução de determinado exercício, a dopamina é liberada no cérebro, gerando sensação de satisfação, desenvolvimento de uma conexão positiva entre a execução do exercício e o alimento. Isso promove a criação pelo hipocampo de uma memória curta e posterior conversão em memória antiga, aumentando a probabilidade futura de ocorrência desse comportamento (Lei do Efeito).

A administração de um antagonista da dopamina, durante a execução de exercícios já condicionados anteriormente utilizando-se comida como recompensa, leva a diminuição da ocorrência da resposta aos comandos até a extinção (Lei da Extinção), mesmo sendo recompensados. Isso pode demonstrar a participação da dopamina no mecanismo de “feedback” e integração do sistema digestivo com o sistema límbico e, o aprendizado por sucesso.



Capítulo 3

O desenvolvimento do filhote

Períodos críticos

Assim como em outras espécies - inclusive o homem - os cães passam por fases circunscritas da vida denominadas “períodos críticos”. Determinados tipos específicos de aprendizado devem ocorrer nesses períodos, ou, caso contrário, de alguma forma, permanecerá uma lacuna. Durante essas “janelas”, o indivíduo estará mais suscetível a eventos externos específicos, o mesmo não ocorrendo fora desses tempos. Os cães apresentam quatro períodos críticos básicos, sendo que, dos quatro, o terceiro (janela social) é o mais importante em toda a vida do cãozinho. Segue uma resumida descrição de cada período:

1. Período neonatal

Compreende do nascimento até os 14 dias. Nesse período o cãozinho está restrito principalmente a mamar e a dormir. O tato é um sentido já bem desenvolvido ao nascimento e, os deslocamentos para encontrar as tetas da mãe são importantes na promoção do desenvolvimento neuromotor.

2. Período transicional

Inicia-se aos 15 dias e vai até os 21 dias. Neste período há a abertura dos olhos com o início da percepção visual e, há a transição do rastejo para a marcha quadrupedal. Começa aí a percepção da existência dos irmãos.



3. Período social

Vai dos 21 dias até, aproximadamente, 12 semanas de idade. Seu início é mais definido, mas, seu término não é tão bem delineado. Trata-se sem dúvidas do período mais importante de toda a vida do cão, pois nele ocorrem fases de indispensável necessidade de estabelecimento e direcionamento social, início do aprendizado estável e pico da velocidade de aprendizado condicionado, grande desenvolvimento da coordenação motora, formação de hábitos alimentares e estabelecimento de hábitos higiênicos. É nesta fase que o filhote deverá ser exposto às espécies que queremos que ele conviva no futuro, como o ser humano, outros cães, gatos etc. Caso não haja a adequada exposição durante esta fase, lacunas sociais de diversas formas e proporções permanecerão para toda a vida.

Diversos experimentos demonstram distúrbios sociais em cães decorrentes da não exposição social adequada durante essa fase. Caso o filhote não tenha contato com seres humanos, poderá ser ou excessivamente arredio, ou, excessivamente agressivo com pessoas e, da mesma forma, se um filhote não tiver contato com outros cães, poderá desenvolver comportamentos antissociais em relação a outros cães que poderão não mais ser solucionados.

O aprendizado estável inicia-se em torno das 8 semanas, e, apresenta um pico de velocidade de desenvolvimento de reflexos condicionados em torno das 12 semanas. Muito da coordenação motora fina só poderá ser desenvolvida nessa fase, pois, ainda ocorre no Sistema Nervoso de maneira mais intensa e generalizada o fenômeno da neuroplasticidade; nela acontecem a neurosinaptogênese e a poda sináptica, conforme vimos nas noções de neurofisiologia.



Podemos afirmar com tranquilidade que, a partir dos 55 ou 60 dias de idade, é o grande momento para iniciarmos no filhote o condicionamento de um ambiente motivacional e o ensino de fundamentos, posições e coordenação motora. Na verdade, ocorrem, de maneira coincidente e simultânea, diferentes e paralelos processos e fenômenos nesta fase da vida do filhote; são processos sociais, motores, cognitivos, de hábitos alimentares e de higiene. O conhecimento de que processos tão importantes tem seus ápices nessa faixa etária, nos alerta para a importância e responsabilidade de nos atentarmos de maneira cuidadosa aos nossos cãesinhos, especialmente durante esse período tão singular para toda a sua vida.

4. Período juvenil

Vai do término do período social (12 semanas aproximadamente) até a maturidade sexual. Nesta fase o interesse de contato social tende a diminuir em relação ao aumento do espírito de exploração ambiental, que tende a aumentar. A janela social já foi fechada; para aqueles cãesinhos adequadamente socializados na fase anterior, faz-se necessário nessa fase apenas uma manutenção regular de contato social e, continuidade dos diversos aprendizados. Nessa fase há uma queda substancial e gradativa da velocidade de estabelecimento de novas conexões, seja pela diminuição da intensidade dos processos de neuroplasticidade, seja pelo acúmulo de aprendizados anteriores que interferem nos novos aprendizados.



Capítulo 4

Importância da alimentação para o aprendizado

Fome: o maior motivador

Há muita confusão sobre o assunto e, a maior parte das pessoas tende a acreditar que proporcionar alimentação farta e à vontade é algo positivo e benéfico para o cão. Ao contrário disso, devemos compreender que o bem-estar animal não deve ser encarado superficialmente, pela ótica humana e impressão inicial que podemos ter sobre o assunto, ou, o que o nosso coração nos inclina a fazer. A real preocupação com o bem-estar deve passar inicialmente pelo conhecimento das necessidades fisiológicas do animal, e do entendimento de que estas vão desde as nutricionais e físicas, assim como também as psicológicas.

Do ponto de vista nutricional e físico não é benéfico para o animal que ministremos a ele alimentação à vontade. Do ponto de vista psicológico, tal qual como ocorre com uma criança, é altamente prejudicial que o cãozinho receba tudo o que ele quiser, na quantidade e horário que bem entender.

Devido a sua importância para a sobrevivência do indivíduo, na natureza, o maior catalisador dos processos de aprendizado é a necessidade de se alimentar. É a busca por alimento que promove o aumento da atividade cerebral, das tentativas de estabelecimento de conexões e resolução de problemas e, também, dos desenvolvimentos da navegação espacial, coordenação motora, desenvolvimento muscular e cardiorrespiratório, resiliência física e psíquica às adversidades.

Pensem bem quão limitada - em termos de habilidades e capacidades físicas e cognitivas - seria a vida de um lobo que, desde filhote, nunca precisasse sair de seu esconderijo para caçar, por receber todos os dias uma grande e succulenta ave, que, voluntariamente chegasse voando em sua toca. Um predador assim tornar-se-ia um indivíduo preguiçoso, física e psicologicamente; o seu cérebro, o seu sistema nervoso e o locomotor não se desenvolveriam adequadamente.

Da mesma forma devemos enxergar o cão em nossa casa. Criar um filhote recebendo farta alimentação gratuitamente não pode ser racionalmente considerado “amor”, mas sim um mimo; isso é mais satisfatório de fato à inclinação do seu proprietário do que as reais necessidades fisiológicas do cão. A verdadeira receita para se criar um futuro espoliador é alimentar gratuitamente um cão desde filhote.

O cão nasce com uma “programação genética” ancestral para operar na resolução de problemas com fins de aquisição de alimento. Essa operação lhe renderá desenvolvimento físico e psicológico indispensáveis à plena expressão de suas características específicas e ao seu bem-estar. Porém, nós, os “geniais” seres humanos, resolvemos deliberadamente interferir nesse processo natural de desenvolvimento, entregando o alimento absolutamente de graça, de maneira previsível e em horários rotineiros; acabamos então por privar o organismo de seu potencial de superação de adversidades e resolução de problemas.

Raciocinando assim não fica difícil de entender que o processo alimentar e as questões sociais - descritas anteriormente - constituem a maior essência causadora dos problemas de convívio dos cães em nossos lares.





Capítulo 5

Como criar um ambiente motivador

A importância da motivação

No Brasil ainda é muito difundido o pensamento de que o treinamento deve ser iniciado aos 6 meses de idade ou mais. Essa cultura ainda é consequência da influência das metodologias de treinamento estabelecidas desde o princípio do século XX, que se utilizavam essencialmente da via negativa ou compulsiva para o ensino. Realmente, quando se faz uso dessas formas de treinamento, a idade mais avançada é indispensável; isso para que o cão processe melhor os efeitos danosos causados pelo acionamento contínuo dos mecanismos fisiológicos relacionados à submissão.

Um dos problemas é que o prejuízo decorrente de se iniciar tão tardiamente é muito grande; como pudemos ver anteriormente, a fase mais rica e fértil sob o ponto de vista de desenvolvimento cognitivo, motor e social do cãozinho se dá entre a sétima e a décima segunda semanas de vida e, muitas coisas - facilmente ensináveis nessa fase - serão muito mais difíceis de serem desenvolvidas mais tarde, sobretudo, a coordenação motora. Por essa e por outras razões a motivação no treinamento é tão importante: através dela poderemos iniciar o treinamento bem precocemente, aproveitando fases mais propícias.

O filhote que criou expectativa de receber alimento - devido a criação de um contexto específico, rotina e hábito - e que, nesse contexto atinge suas expectativas (ou seja, recebe o alimento), desenvolve um círculo virtuoso de interesse e prazer nos momentos de alimentação. Quando ele recebe o alimento por realizar algo, desencadeia-se a liberação de dopamina e seus efeitos prazerosos; como consequência, o cãozinho buscará esses momentos com avidez. É incrível e inquestionável o fato de que o aprendizado proporcionado pela motivação atinge possibilidades muito além do que podemos muitas vezes imaginar. A força, além de limitar o potencial de aprendizado, torna-se desnecessária quando conhecemos e aplicamos o conhecimento dos mecanismos de aprendizado e a “Lei do Efeito”.

Qual a melhor recompensa? Qual o melhor petisco ou guloseima?

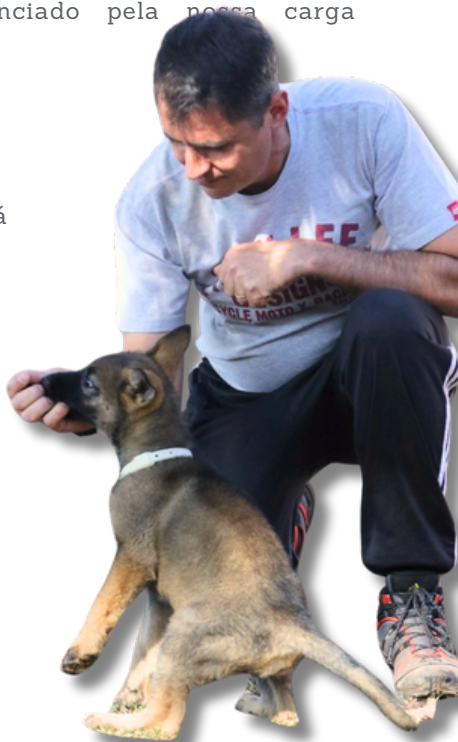
Esse questionamento é comum e, nasce em decorrência da incompreensão de que, na natureza, os animais aprendem as diversas habilidades motivados pela necessidade de se alimentar; eles não por esperam algo extra ou um prêmio além da alimentação. De fato, pensando num todo - compreendendo-se que motivação é algo que nasce de dentro - não é possível motivarmos um indivíduo, mas sim propiciarmos condições para que ele exiba essa motivação e, aí sim, nós a recompensemos. Caso o mais visceral elemento motivador for saciado fora do contexto do aprendizado, perderemos o mais poderoso meio natural de motivação, que é a necessidade de se alimentar.



Petiscos ou guloseimas “extras” não tem a força motivadora necessária para levar o cão a superar suas dificuldades, solucionando problemas de ordem gradativa de progressão de dificuldade. Assim que os problemas se tornarem mais difíceis, serão menos motivadores e desafiadores, e o cãozinho se desanimará deles; isso porque tem a tranquilidade de que, mais tarde, na hora prevista, receberá gratuitamente o que mantém sua vida: uma panela de comida...

Trata-se de algo antinatural: em vida livre não surgem gordas e suculentas galinhas voando para dentro das tocas pela manhã. Algo assim seria catastrófico para o desenvolvimento geral dos predadores, em todos os aspectos: cognitivos, motores e sociais. A luta pela alimentação é o grande motor propulsor do desenvolvimento saudável de mentes e corpos. Não temos o direito de interferir no curso natural das coisas, criando cães mimados e espoliadores, com cérebros e corpos preguiçosos. Quando assumimos um cão, assumimos o compromisso com o bem-estar dele e, aquilo que é realmente bom para ele pode ser muito diferente do que pensamos – normalmente influenciado pela nossa carga cultural ou senso comum.

Caso criemos no filhote uma percepção que a sua alimentação e sobrevivência depende de que ele coloque o seu cérebro e corpo para funcionar, todo o seu organismo será gradativamente mobilizado em função disso e, o verdadeiro bem-estar animal será desenvolvido. Não dê petiscos ou guloseimas, faça que a alimentação normal seja o próprio prêmio para os aprendizados! Não significa, no entanto, que no processo de treinamento não se possa utilizar também de outros tipos de recompensas, de valores diferenciados. De acordo com a habilidade e experiência do “professor” e, com a idade do cão, outros tipos de recompensas alimentares – cubos de mortadela, queijo etc – podem e devem ser utilizadas.





Elas funcionam como um escalonamento do “valor” da recompensa, de tal forma que tenhamos um recurso a mais para recompensarmos a execução de tarefas mais difíceis, ou mesmo de tarefas comuns, executadas por sua vez com maior “brilhantismo”. O que não pode ocorrer é a utilização exclusiva destas nos treinos, deixando-se a alimentação regular para fora do processo de aprendizado, sendo entregue gratuitamente e desconectada da resolução e problemas.

Outra possibilidade de recompensa é com brinquedos (bolas, “kongs” etc). Porém, de alguns anos para cá, a sua utilização tem sido diminuída durante as fases do processo de ensino, pela maior parte dos bons treinadores. Tem-se deixado a sua utilização para premiar os cães depois que o aprendizado dos exercícios já está bem avançado, pois, devido a maior excitabilidade causada pelos brinquedos, perde-se o máximo do potencial de concentração, tão necessário a fase de aprendizado.

Sabe-se que, tanto a falta de motivação, quanto o seu excesso, prejudicam o aprendizado. Depois que determinado exercício estiver bem aprendido, com respostas automáticas, a bola pode entrar como recompensa, fazendo com que sua execução ganhe maior brilho e velocidade.

Resumindo: utiliza-se a comida como reforçador durante a fase de aprendizado, para que se obtenha uma motivação calma, moderada, que propicie concentração; depois que o exercício estiver com execução automática, pode-se mudar - a critério do treinador - sua recompensa para o brinquedo, intencionando-se aumentar sua velocidade, brilho e alegria.

A importância da relação necessidade x provedor

Para que o cão aprenda a aprender conosco, além das questões sociais e do relacionamento afetivo, é muito importante também criarmos uma relação clara de dependência alimentar. Caso a sua refeição seja servida em uma panela num canto do canil ou da casa, a criação dessa percepção torna-se muito difícil. Se desejarmos que o cão nos enxergue como um professor, ou seja, como um meio de aprendizado e resolução de problemas, se faz necessário muito mais do que comprarmos a ração no supermercado e colocarmos em sua panela. Para sermos os melhores professores temos que ser antes de tudo os melhores provedores.

É imprescindível que estabeleçamos uma correlação muito direta entre ele e nós, entre o executar algo e o seu sucesso, entre a resolução de um problema por nós proposto e a sua recompensa. Para isto, pelo menos no início, a melhor coisa a ser feita é a comida ser dada pela nossa mão, diretamente, sempre e imediatamente após ele executar algo por nós proposto.

O contexto – quadro ou cenário

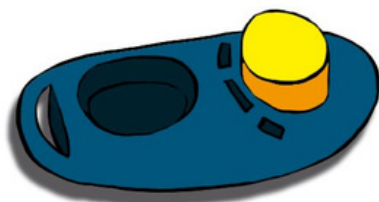
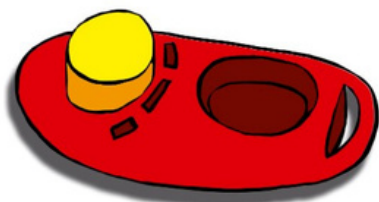
O contexto é fundamental para evocar o mecanismo de procura de algum gatilho ou instrumento que libere a comida. Devemos procurar ensinar cada coisa específica que intentamos em um contexto próprio claramente correlacionado com ela, especialmente no início. Isso ajudará o cãozinho a entrar rapidamente no “espírito da coisa” assim que estivermos naquele ambiente específico, fortalecendo sua motivação e clareando cada vez mais para ele o que dele requeremos em cada situação.



Como isso funciona? Nada mais seria do que a utilização do Condicionamento Clássico estudado anteriormente. Um exemplo: sempre que entramos com o cão em um determinado quarto ou cantinho da casa o alimentamos; depois de determinado número de repetições dessa rotina, ele passará a - assim que entrar conosco nesse ambiente/situação - responder emocionalmente ao quadro, criando atenção, salivando, preparando-se para a digestão etc. Quando temos então um quadro evocativo de resposta emocional, temos também condições de prosseguir com o processo de ensino motivacional.

Agora temos a energia vital e inicial do treinamento motivacional: a emoção positiva. Na medida em que esse processo se repete, inevitavelmente ocorrerá o condicionamento clássico; a partir de então, sempre que se entrar com o cão nesse contexto, ele passará a cada vez mais antecipadamente prestar atenção no professor. Quando ele estiver reagindo emocionalmente de maneira automática a esse quadro ou contexto de alimentação, poderemos aproveitar a expectativa evocada para, gradativamente, cada vez mais, exigir um pouquinho mais de trabalho por parte dele antes que seja recompensado.





Capítulo 6

O clicker: uma ferramenta extraordinária

O clicker é uma ferramenta pequena, barata e muito simples de se utilizar. Caso usado adequadamente e, quem o utilize realmente compreenda os processos, poderá ser extremamente eficaz, substituindo a necessidade de parafernália de equipamentos, técnicas, e habilidade pessoal. Trata-se de uma caixinha plástica simples, pequena, que cabe entre os dedos da mão, e que tem dentro dela uma plaquinha metálica que quando apertada provoca um som típico, único, metálico, um clique.

Não se trata de uma metodologia como muitos acreditam ou mesmo propagam; é apenas uma ferramenta que permite de maneira muito fácil para nós e clara para os animais a comunicação que o alimento ou a recompensa virá. Ela facilita muito o desenvolvimento e o fortalecimento dos comportamentos que desejamos; não por depender do som que o clicker emite, mas do que esse som elicia em termos de expectativa e emoção, devido a subsequente premiação, seja com a comida, seja com a bola, ou algo que o cão goste. A função do clicker é basicamente dar ao cão a comunicação exata da vinda da alimentação, facilitando a criação mais precisa de uma conexão de causa e efeito no cérebro, entre a execução e a premiação. Com o clicker temos condições de “marcar” o comportamento que desejamos com exata precisão, no “timing” adequado e com uma dose constante, imutável.

“Carregando” o clicker:

Para que o clicker promova o efeito desejado e, portanto, evoque no cão a emoção que esperamos (via condicionamento clássico), é imprescindível “carregá-lo”. Carregar o clicker nada mais é do que estabelecer uma conexão simples e direta entre o seu som e a comida, de tal forma que, a partir de então, toda vez que o cão condicionado ouvir o som do clicker, responda com as mesmas emoções positivas que antes respondia apenas a comida. Isso significa que, a partir de então, temos uma forma de recompensar a distância, em tempo real, com valor idêntico: o clicker é a recompensa!

Depois que o cão já estiver completamente ambientado em determinado quadro, confortável e a vontade, sentindo-se emocionalmente bem ao adentrar esse cenário, será o melhor momento para criar essa conexão clicker + comida. Recomendo que se faça da seguinte forma: quando o cão entrar no ambiente, clique e, imediatamente após, jogue um bom bocado de ração no chão. Alimente o cão por diversas sessões exatamente dessa forma, gratuitamente, apenas com a finalidade de criar a conexão positiva clicker + comida.





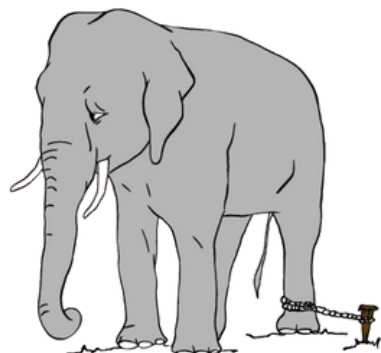
Capítulo 7

A guia: o segredo para se ter controle!

Por que é tão comum a queixa de que o cão não obedece em determinadas situações, ou, sai do nosso controle? Simples: mesmo sem querer, nós ensinamos isso a ele!

Utilizemos o clássico exemplo de um velho cavalo amarrado a uma cadeira de plástico, ou, o de um elefante de circo preso por uma corrente ao chão. Ambos têm força suficiente para arremessar longe os dispositivos que os prendem e, irem para a liberdade. A questão é que, durante tanto tempo, sobretudo durante as fases infantis, permaneceram presos a algo mais forte do que eles conseguiriam se desvencilhar e, um ciclo de aprendizado foi fechado. Após isso não mais acreditam na possibilidade de fuga, ou mesmo, que sua tentativa seja compensadora.

Trazendo essa lição para os nossos objetivos, devemos compreender que quando vamos passear numa praça ou no campo com um cãozinho sem guia, mesmo que já esteja acostumado a responder ao nosso chamado, em algum momento poderá surgir algo que desperte o seu interesse. Se por algum motivo o chamamos, ele não vem porque está muito mais interessado naquilo que ele está observando, ele começará a perceber aos poucos que não está sob nosso controle.



Por isso, uma dica importantíssima: até que um cãozinho não tenha aprendido perfeitamente a responder a um comando qualquer ou um chamado, não provoque o seu aprendizado de perda de controle; não perca o seu controle, enquanto o "Ciclo do Aprendizado" não estiver fechado, nunca retire a guia!!!

Motivação + responsabilidade = cão educado, feliz e confiável!

Caso o cão tenha certeza de que determinado comportamento solicitado trará um grande benefício para ele e, que, além disso, não exista a possibilidade de não executá-lo (controle), pois só há uma alternativa; havendo uma perfeita comunicação entre o ser humano e ele, ficando claro o que dele queremos naquela circunstância, teremos a tranquilidade de que ele irá responder ao nosso comando, de maneira feliz, sem conflitos e, exatamente quando o solicitamos.





Capítulo 8

O método do contato: Fácil e divertido para o cão e para você!

Apenas uma das diversas maneiras existentes de nos comunicarmos com nossos cães

Existem infinitos propósitos e possibilidades diferentes de se ensinar algo a um cão; definitivamente não existe uma técnica ou método que possa ser taxado como “o mais correto” ou “o melhor”. Naturalmente todas as técnicas, inevitavelmente, e de alguma maneira, passam obrigatoriamente pelos mecanismos de aprendizado relatados anteriormente. Dominando a compreensão dos mecanismos de aprendizado, de como os instintos funcionam e, conhecendo bem o cão que se deseja treinar, qualquer um é capaz de desenvolver um sistema de ensino particular.

Como em qualquer outra área do conhecimento, todas as coisas apresentam constante evolução; a ciência do treinamento canino e as suas técnicas têm progredido a passos largos nos últimos anos e, a tendência é que continue se desenvolvendo numa espiral. Contudo, irei ensinar aqui uma maneira bem didática e prazerosa de se treinar o cão a executar determinados exercícios.

Na maior parte dos diversos propósitos, queremos não apenas ensinar o cão a responder comandos, mas, principalmente, responder a comandos verbais. Trata-se do aprendizado mais difícil para ele, pois, devido as características anátomo-funcionais do seu sistema nervoso, não é dotado desta capacidade de processamento da comunicação oral na mesma medida em que o ser humano.

A partir do conhecimento de que o tato é um sentido já bem desenvolvido ao nascimento, fica fácil o entendimento que ele pode ser o primeiro utilizado em uma linha didática sucessória de formas de comunicação com o nosso cão. Ainda explorando a pele como principal órgão sensorial e, a facilidade de se compreender a comunicação tátil, um novo degrau dentro da suave linha sucessória de transferência de codificações de comunicação, rumo aos nossos objetivos, pode ser a comunicação através da guia, também denominada de “contato mecânico”.

Organizando em nossa mente um método compreensível de ensino, em escala gradual e progressiva de níveis de dificuldade, porém muito suave em termos de transições, podemos estabelecer um programa que se inicia no mais fácil e termina no mais difícil. Lembro novamente qual é o nosso objetivo: a comunicação verbal com nossos cães, ou, os comandos verbais. O que será abordado agora é apenas parte de um complexo programa de ensino desenvolvido pelo genial treinador belga Bart Bellon, denominado “Método do Contato”, ou “NePoPo” (Negativo – Positivo – Positivo).

Codificações graduais até o objetivo

Os filhotes já apresentam infundáveis comportamentos inatos e, cabe a nós, escolhermos quais serão reforçados positivamente para que aumentem sua ocorrência. Se ele já compreendeu que a comida provém única e exclusivamente de seu professor, que ele tem que lutar por ela e, se um contexto motivacional já foi criado - onde assim que ele entra já demonstra comportamento de procura - está apto agora a entrar em um programa de ensino. Este programa deve ser dividido em diversos processos paralelos, de locais-referências premiáveis, de coordenação motora, de cognição e de fundamentos. Devido a simplicidade deste E-book, aqui abordaremos apenas um desses processos: o dos três fundamentos ou posições básicas. Em publicações que se sucederão entraremos no ensino e detalhamento dos demais.



E por que três posições fundamentais? Porque o sentado, o deitado e a estação (de pé nas quatro patas)? Simples: primeiramente porque essas três posições são as bases estáticas para todos os demais exercícios e movimentos; em segundo lugar, três posições são o menor número possível para se ensinar comandos verbais de forma que o cão não “decore” uma sequência. Como intentamos ensinar comandos para cada posição, isso obriga o cão a discriminar ou diferenciar cada código associado a cada posição. Caso fossem apenas duas, como o sentado e o deitado, por exemplo, sempre depois do sentado só pode vir o deitado, e vice-versa; se forem dois o cão tenderá a decorar uma sequência de troca de posições, e não cada comando verbal diferenciadamente.

Como falado anteriormente, o cãozinho já expressa de origem inata essas posições, porém, após a seleção desse repertório através do reforço positivo - de maneira livre - iremos a partir de agora ensinar que os códigos que nós emitirmos deverão ser respondidos pelo cão com as respectivas posições, através do estabelecimento de conexões. A utilização de uma caixa de referência ou uma mesa pedagógica facilitará muito esse processo de ensino.

A base motivacional é o princípio de tudo. Havendo já bem criado e estabelecido o ambiente e contexto motivacionais, vamos, em sequência, começar a recompensar - inicialmente no chão mesmo, naquele local rotineiro de alimentação, onde a motivação já está automática e, em sequência dentro da caixa ou em cima da mesa - sempre apenas as três posições que queremos: sentado, deitado, estação. Depois das três posições ocorrerem com facilidade dentro do contexto de alimentação - devido ao reforço positivo somente efetuado nessas posições - iniciaremos então o processo de codificação, que se segue:

1. Primeira fase - Contato manual

Vamos então, a partir de agora, estabelecer um ponto fixo com a mão direita cheia de ração, não permitindo que o cão a alcance, permanecendo, apenas, observando fixamente e atentamente. Com o clicker na mão esquerda, clicamos e premiamos por diversas vezes, sempre que o cão “trabalhar”, ou seja: prestar a atenção na mão, por períodos curtos e variados de tempo.

O ponto fixo deve ter uma forte atratividade, e reforçando: o ponto deve ser sempre fixo! Não devemos (nesse sistema) tentar induzir a resolução dos problemas e a troca de posições com o movimento e o visual da mão. A resolução do problema será pela mudança da posição, estimulada pelo contato (inicialmente o manual), mantendo-se focado no ponto fixo, aguardando dele a recompensa. O único movimento da mão com a comida deverá ser no sentido do cão, nunca para induzir visualmente para as posições.

Com cuidado e gentilmente, tocamos com o dedo indicador da mão esquerda (a que porta o clicker) em um dos “pontos de contato” (fig 01); deve ser um toque muito leve, contínuo, sem exercer pressão, apenas um levíssimo incômodo. O contato do dedo no ponto deve permanecer continuamente, até que o cão exiba a posição que queremos. Assim que a posição for tomada, o toque deve ser retirado, o clicker deve ser acionado e, a comida é levada a boca do cão, nesta sequência, de maneira clara e cadenciada.

Vamos utilizar para demonstrar a técnica o meu amigo Bimbo:

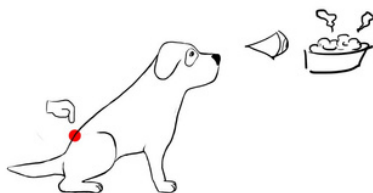


Fig. 02 – Posição sentado

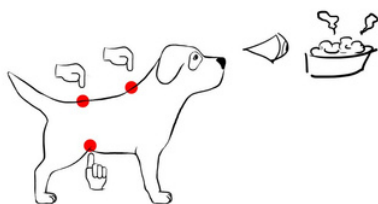


Fig. 01 – os três pontos de contato

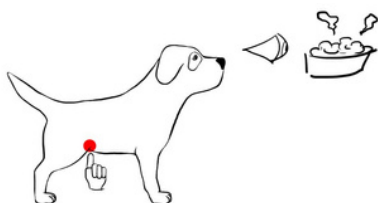


Fig. 03 – Posição em atenção

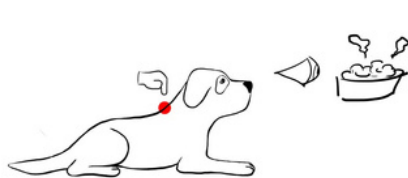


Fig. 04 – Posição deitado

Serão necessárias centenas de repetições nessa etapa - para que haja perfeito condicionamento e rápida resposta - antes que passemos para a etapa seguinte. Devemos nos atentar também para sempre alternarmos as trocas entre as três posições; não podemos estabelecer uma sequência, pois, o cão aprenderia a sequência e não a codificação.

Importante: não somos nós quem devemos definir quando mudar de fase, mas sim, o cão. Ele nos sinalizará quando estiver pronto. O sinal mais claro será quando, já por dezenas de vezes em cada posição, ao sentir o toque, a resposta do cão for muito rápida e convicta na tomada da posição, tão rápida que não conseguimos manter um contato contínuo.

2. Segunda fase - Contato mecânico

Essa é a segunda etapa, quando transferiremos o aprendizado da codificação de comandos por toques nos três pontos do corpo para o uso da guia, em apenas um ponto, mas, em diferentes sentidos de aplicação do contato. Cada sentido significará um novo “comando” para uma velha posição, já conhecida. Importante: manter sempre a idéia do ponto fixo motivacional!

Com base nos princípios de estabelecimento de novas conexões, aquilo que é um novo sinal, funciona inicialmente como um estímulo neutro, isto é, que não elicia resposta. Porém, se cada vez que esticarmos a guia para cima, por exemplo, tocarmos imediatamente após - com o dedo indicador - no ponto de contato da traseira (que anteriormente já estava evocando perfeitamente a posição sentado), depois de algumas repetições perceberemos que o cãozinho começará a responder ao novo comando para a posição sentado. A partir de agora o comando para sentar passará a ser, então, o toque com a guia para o alto. A sequência do processo daqui por diante será a seguinte: toque na guia para a posição desejada, imediato toque com o dedo no ponto de contato, o cão toma a posição, o contato é retirado, aciona-se o clicker (para marcar a resposta correta) e: comida!

Os novos comandos serão:

- (1) Guia para cima → sentado
- (2) Guia para a frente → estação
- (3) Guia para baixo → deitado

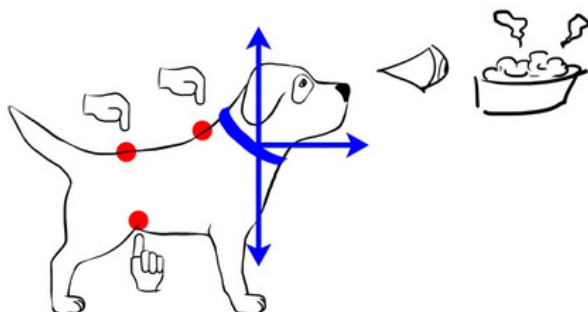


Fig. 05 – Os três sentidos de aplicação da guia

Depois de centenas de repetições você perceberá que o cão começará a tomar a posição rapidamente, imediatamente após o contato com a guia, antes mesmo de você conseguir alcançar com o dedo o ponto de contato respectivo. Desse momento em diante não mais será necessário o contato manual, a não ser em eventuais dúvidas que o cão venha a apresentar, apenas com caráter confirmatório, de ajuda.

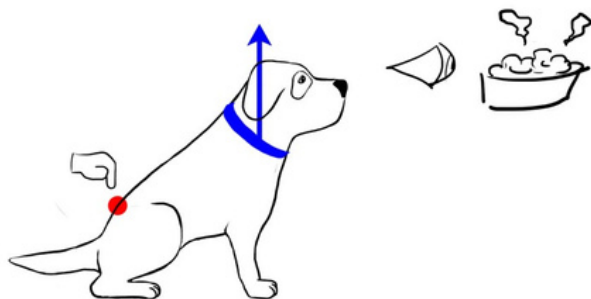


Fig. 06 – Posição sentado

De agora em diante, aquilo que anteriormente era apenas um toque com a guia, deverá tornar-se um gentil contato contínuo, bem suave, sustentado em mesma dosagem até que o cão exiba claramente cada posição, para ser então claramente aliviado do contato, ouvir o clicker e: comida!!!

Depois dessa fase exaustivamente praticada, podemos pensar na transição para a próxima fase, que é a introdução dos comandos verbais; entenda-se “exaustivamente” como muitas sessões de treino, mas com poucas repetições de cada posição em cada sessão (quatro ou cinco, no máximo). O aprendizado dos contatos manuais e suas posições normalmente é algo muito rápido, assim como sua transição para os contatos mecânicos e suas prontas respostas. Contudo, devemos nos preparar para um longo período de ensino dos comandos verbais.

A fase do ensino da codificação verbal requererá de nós muita paciência, compreendendo a dificuldade que o cão tem de aprender essa forma de comunicação. Só há alguns segredos: coerência, consequência negativa contínua (suave e gentil contato com a guia) enquanto não é tomada a posição, consequência positiva por tomar a posição (alívio do contato com a guia, seguido de premiação com a comida) e, repetições e mais repetições. Devemos nos lembrar que o clicker será o marcador da posição correta, e deve sempre anteceder o mecanismo de liberação de comida. Nenhum movimento deve vir antes do som do clicker.

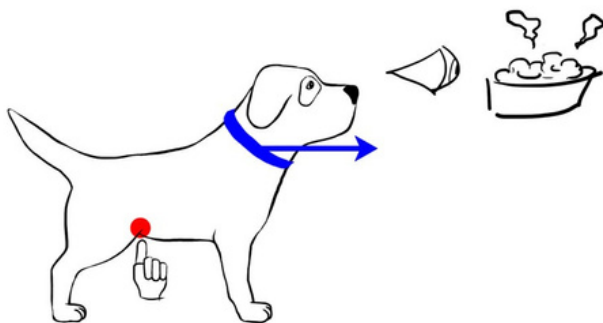


Fig. 07 – Posição em estação

3. Terceira fase - Contato verbal

Vamos agora nos aproximando de nosso objetivo final, que é de o cão conhecer perfeitamente que cada comando verbal deverá ser seguido por uma posição respectiva. Essa é a terceira etapa, onde transferiremos o aprendizado da codificação de comandos por contatos com a guia, para comandos emitidos verbalmente.

Com base nos princípios de estabelecimento de novas conexões, aquilo que é um novo sinal funciona inicialmente como um estímulo neutro, isto é, que não elicia resposta; agora é o comando verbal que estará aí enquadrado. Porém, se cada vez que dermos um determinado comando verbal, puxarmos delicadamente a guia com fins de tomada da posição respectiva ao comando, depois de muitas repetições perceberemos que o cãozinho começará a responder ao novo comando - agora verbal - para cada posição já anteriormente condicionada. A sequência do processo de agora em diante será a seguinte: comando verbal, imediato contato contínuo na guia para a posição desejada (IMEDIATO, não simultâneo), o cão toma a posição, o contato é retirado, aciona-se o clicker (para marcar a resposta correta) e: comida!

Os novos comandos poderão ser (sugestão em português, alemão ou inglês):

- (1) Senta, sitz ou sit → sentado
- (2) Para, steh ou stay → estação
- (3) Deita, platz ou down → deitado

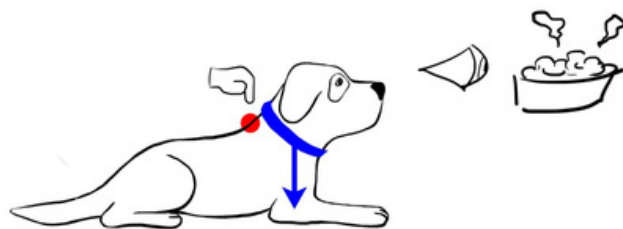


Fig. 08 – Posição deitado

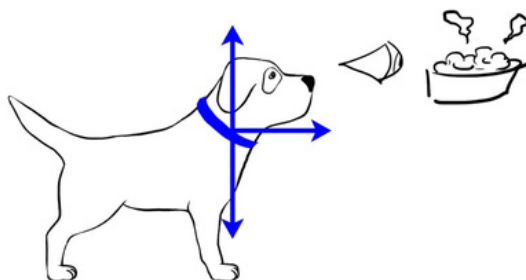


Fig. 09 - Os três sentidos de aplicação da guia

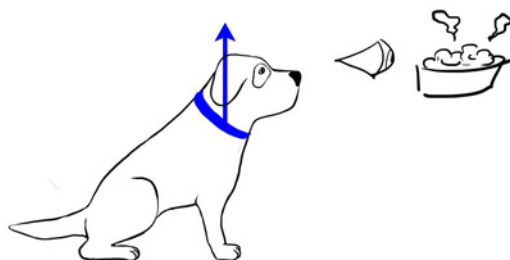


Fig. 10 – Comando "senta"

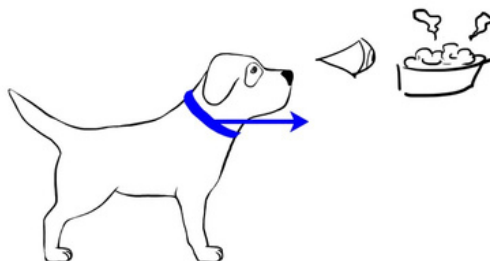


Fig. 11 – Comando "para"

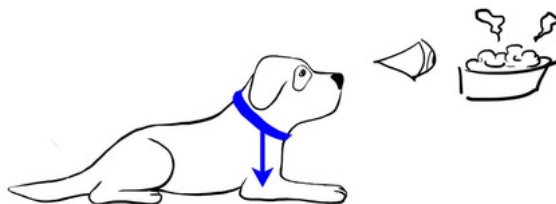


Fig. 12 – Comando "deita"



IMPORTANTE!

1. A motivação é a base de tudo, sem motivação não teremos bons resultados. Se o seu cão não está motivado, se ele não está buscando o aprendizado e focado no ponto fixo, repense seu relacionamento com ele e seu treino, algo há de errado;

2. Cada sessão de treino deve ser curta, deve se resumir em atingir os propósitos de ensinar algo ao cão, enquanto estiver no pico de motivação. Em média, isso se dará entre 3 a 5 minutos em cada sessão de treino de um filhote, no máximo. Porém, isso não é regra, o mais importante é a motivação observada;

3. Ao tirar o cão da caixa de referência ou da mesa, divirta-se com ele, corra, brinque com uma bolinha, por exemplo;

4. Tenha paciência, ajude o cão, sempre use a guia para encaminhá-lo para a posição desejada, mesmo que ele já esteja respondendo bem. Espere o ciclo do aprendizado estar completamente fechado antes de tentar executar com ele solto e a distâncias maiores;

5. É sempre recomendável começar a próxima sessão repetindo a forma em que se estava realizando a anterior, uma espécie de “revisão”. Isso deve ocorrer principalmente quando se estiver numa fase transição entre uma etapa e outra nova;

6. Conheça bem a teoria, mas, aplique a teoria. Treine, treine e treine!!! Sem prática não há plena compreensão da teoria;

7. Não se esqueça: tem que ser divertido para ambos!!!



CONCLUSÃO

Bem, esse foi apenas um ínfimo resumo da grande complexidade do conhecimento já desenvolvido sobre o aprendizado canino e seu treinamento; contudo, já deve configurar uma carga grande de informações para um primeiro momento. Muita coisa ainda será disponibilizada continuamente em nosso projeto, continue nos acompanhando. Conceitos relativos aos impulsos ou instintos, tendências comportamentais inatas e emoções são fundamentais para ampliarem nossa compreensão do universo da educação e do treinamento. Tudo isso será oportunamente abordado em literaturas e instruções futuras, conjuntamente com um maior aprofundamento do conhecimento sobre o aprendizado e outras técnicas de treinamento.

Reforçando o que comentei na introdução, minha missão é auxiliar na criação de uma nova mentalidade cultural em nosso país no que tange a criação de um melhor ambiente de educação, visando a formação de cães sãos mentalmente e fisicamente. Isso passa pelo compartilhamento do conhecimento que tenho adquirido durante essas mais de três décadas - dedicadas com afinco a melhor compreensão do comportamento canino e de seu bem-estar - segundo a sua natureza e não segundo a ótica humana. O que é muitas vezes observado é uma distorção de entendimento sobre o que é realmente bom para o cão, normalmente negligenciando a sua fisiologia e privilegiando os gostos e visões pessoais dos proprietários.

BIBLIOGRAFIA

BEAVER, Bonnie V.. Comportamento Canino: um guia para veterinários. 1ª Edição. Editora Roca. 2001.

Bethus I, Tse D, Morris RG (2010) Dopamine and memory: modulation of the persistence of memory for novel hippocampal NMDA receptor-dependent paired associates. *J Neurosci* 30:1610–1618.

CUNNINGHAM, James G.; KLEIN, Bradley G. Tratado de fisiologia veterinária. 4. Ed. Rio de Janeiro: Saunders Elsevier, 2008. Xvi, 710 p. ISBN 9788535227970

ESPERIDIAO-ANTONIO, Vanderson et al. Neurobiologia das emoções. *Rev. psiquiatr. clín.* [online]. 2008, vol.35, n.2, pp.55-65. ISSN 0101-6083. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-60832008000200003>.

FUENTES, Daniel. Neuropsicologia: teoria e prática. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014. 432 p. ISBN 9788582710555

HAN et al., "Integrated Control of Predatory Hunting by the Central Nucleus of the Amygdala", *Cell* (2017),

HOSKINS, Johnny D. Pediatria veterinária: cães e gatos até 6 meses de idade. Manole, 1993. 605p. ISBN 8520401112 (enc).

JÚNIOR, Joel Cavalheiro Martins. Neurodesenvolvimento e neuroplasticidade – parte 2. Artigo de internet. (<http://cienciasecognicao.org/neuroemdebate/?p=740>).

KANDEL, E. et al. Princípios de neurociências. 5. ed. Porto Alegre: AMGH, 2014. 1544p.

MCFARLAND, David. Animal behaviour: psychobiology, ethology, and evolution. 2nd ed. Harlow: Longman Scientific & Technical, 1993. 585p. ISBN 0582067219

MOREIRA, Márcio Borges; MEDEIROS, Carlos Augusto de. Princípios básicos de análise do comportamento. Porto Alegre: Artmed, 2007. 221 p. ISBN 85363307552

MOST, Konrad. Training dogs: A manual. Wenatchee, United States of America: Dogwise Publishing, 2001. Original title: Die Abrichtung des Hundes, 1911.

PRADA, Irvênia. Neuroanatomia funcional em medicina veterinária com correlações clínicas. 1. Ed. Jaboticabal: Terra Molhada, 2014. 616 p. il.; 17 x 24cm. ISBN 9788565569033

PRYOR, Karen. Introdução ao treino de cães com o clicker. Edição revista. Tórculo, Espanha: KNS Ediciones, 2013. Título original: Clicker training for dogs, 2005.

PRYOR, Karen. Não o mate: a nova arte de ensinar e treinar. Edição revista. Tórculo, Espanha: KNS Ediciones, 2013. Título original: Don't shoot the dog, 1984.

RAISER, Helmut. Der Schutzhund (The Protection Dog): The Training of Working Dogs in Protection Work. Canadá. Armin Winkler Publishing. 1996.

VASCONCELLOS, AdS, VIRÁNYI Z, RANGE F, ADES C, SCHEIDEGGER JK, MÖSTL E, et al. (2016) Training Reduces Stress in Human-Socialised Wolves to the Same Degree as in Dogs. PLoS ONE 11(9): e0162389. doi:10.1371/journal.pone.0162389.



LINKS SOBRE O AUTOR MAX MACEDO

Link com resumo do currículo cinotécnico:
<https://www.maxmacedo.com.br/about-me/>

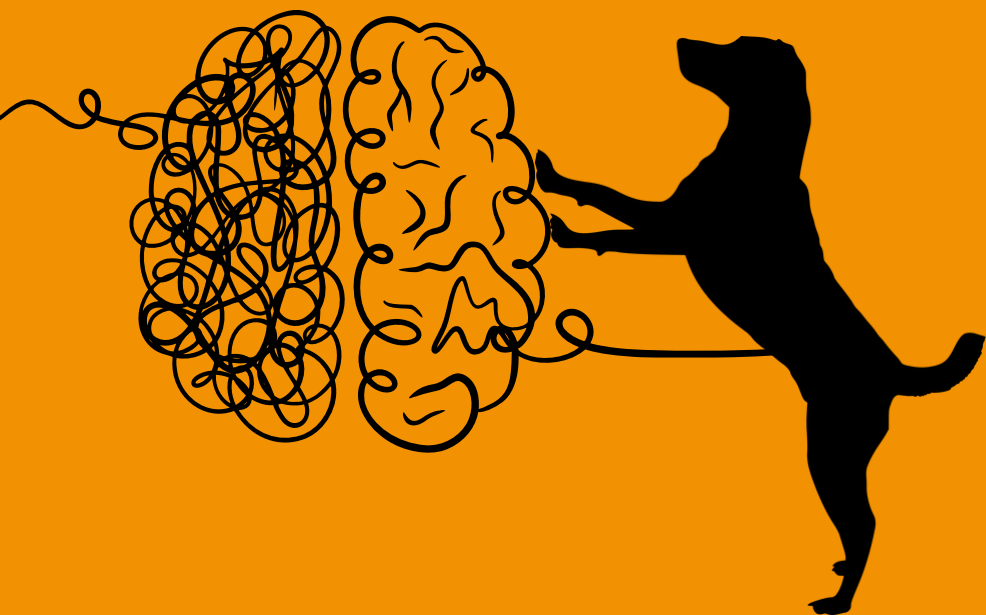
Site: <https://www.maxmacedo.com.br/>

Site do Canil Sadonana: <http://www.canilsadonana.com.br/>

Site do Centro de Treinamento da Companhia de Cães:
<http://adestreseucao.com.br/>

Lattes:
<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K8806794Z8>





**Max
Macedo**

@maxmacedooficial